

A dark, atmospheric landscape with a road leading to a horizon under a stormy sky. The road is a two-lane asphalt road with a white line on the right side, receding into the distance. The sky is dark and cloudy, with some light breaking through. The overall mood is somber and mysterious.

cuidado no fogo
cuidado no fogo

Ficha Catalográfica

CARDOSO, Taci; NJANU,
Ma; SILVA, Rômulo (Orgs).

CARTA-NEGRA

TEIMAR – TEIMOSIA **(por: Ma Njanu)**

- I. atropelar o silêncio até ser a própria voz;
- II. nem todo desvio faz parte da rota;
- III. é preciso falar com os ouvidos;
- IV. amou que apartou
- V. “se nada nos salva da morte, que nosso combinado nos salve da vida”.

cidade forte. calor do cão quanta saudade. 4town. os bar as praça caras conhecidas bocas que se beijam uma língua em cada esquina. fita. memórias da pivetage e eu guardo porque saudade é grande o calor gole. bate. bate. lampejo minh' sina viçage de noite a rua os pixo zé bastos, quero tua boca nua, a l a g a d a. molhadinha. porque parei. eu parei. fumar só teus goles me animam excitada sigo. 4HELL me mostre as perdições. caminho. meu peito é uma criança descobridora das madrugada se te entram eu sou uma avenida vazia no meio da barra o sinal é aberto e ninguém morre. maré baixa. te amar entre as pedra disputar território com as rata. teima, teima, tome. meu nome é teimosia. sou das de mário. dou meu gole passo longe. bandida. uma santa. sou poeta.

II.

Por: Taci

Elaborar caminhos como contrapontos foi algo que se fez presente em nossos encontros virtuais.

Ressignificar existências como estratégia de driblar o sequestro das mesmas. Impossível não mencionar a dor e compartilhar memórias de vivências atravessadas por esse sentimento, ao tratar de necropolítica, de colonialismo, do lugar social daqueles que ocupam as camadas dispostas distantes de tudo o que é hegemônico. O posicionamento imposto tende a inclinar quem foi forçado ao lugar de inferiorizado a achar que tudo o que lhe define é a partir dessa disposição. A existência faz feitiço e quando pode converte dor em potência. Dá o recado que, apesar dessa dor e das imagens que criam e difundem sobre nós, podemos construir nossas próprias narrativas, individuais e coletivas.

As inquietações provocadas durante esses dias de novembro e dezembro servem como lembrete e reforço de que há, apesar de todas as violências estruturais e estruturantes, possibilidades de nos escrever e nos contar, de outras formas, sem que nos deixemos engolir por completo pelas versões destrutivas que distribuem a nosso respeito. Não conseguimos ruir as estruturas, mas estamos em alerta.

O que praticamos aqui foram exercícios que nos convidam e convidam quem os vir a pensar alternativas de produção de vida, apesar da perseguição do sentimento de morte.

III.

Pássaros-Zémi **(por: Rômulo Silva)**

“Sumir não é desaparecer em sentido necropolítico”

- Jota Mombaça e Musa Mattiuzzi

.salve salve às mais velhas e aos mais velhos. Um salve para a pivetada que habitam e transitam “becos” e “asfaltos” nos corres a favor da existência. Permanecer vivo é a primeira demanda para de(s)colonização. Presos provisoriamente às telas dos computadores, celular ou televisão, imaginamos mundos-possíveis: são desobediências múltiplas em face as engenharias-coloniais que possuem como base um ideal de humano o seguinte sujeito: homem-branco-cisheterosexistapatriarcal-extrativista-capitalista-judaicocristão.

.continuar vivo quando se está confinado na lógica do sistema fechado em que opera processos de morte, extermínios e chacinas, significa criar pontos de fuga, subverter, ocupar, celebrar, apropriar-se legal e ilegalmente, dissimular, por vezes, calar-se, e reinventar os “corres” cotidianos.

.sumir como tática de fugitividade.

.um jogo de permanentes deslocamentos inventivos (fuga), planos estratégicos e fugazes de desaparecimento e afirmação. A fuga é um verdadeiro salto que introduz a invenção na existência, nas brechas no interior da rede social do poder.

.este “salto” não é apenas um confronto face a face com a existência aprisionada que insiste (e não se cansa) de criar para existir, mas um gesto inventivo – por vezes silencioso e perspicaz – de fuga, subversão, recriação e apropriação de espaços.

.durante alguns encontros em telas-planificadas, a turma do curso “Necropolítica: a gente combinamos de não morrer”, além de debater ambos os textos que compõem o título desse curso, o pensamento do filósofo Achille Mbembe e da escritora Conceição Evaristo nos convoca a sentir-lembrar na pele e refletir o tempo presente. Impossível sair ileso de um encontro. Sempre somos atravessadas pelos afetos, ou seja, tudo àquilo que chega. Afeto é aquilo que chega. Aqui nessa publicação (que também é um mapa e um convite a opacidade), os afetos inventam novas geografias – um mapa constantemente refeito pela Palavra-Poesia-Fotografia-Colagem nas territorialidades do corpo, assim como nas encruzilhadas.

COILAGIENS

08

Amyla Vidal

12

*Arthur
Morais*

10

*Aparecida
Silva*

16

Bruno Rass

22

Carla Nayra

19

Camila Santos

28

Gessica Gomes

32

*Leehaney
Cavalcanti*

30

Jéssica Tabosa

37

Mirla Lorena

43

Vera Silva

40

Rafael Fernando

POEMAS

14

Bruna Costa

25

Fiana Vieira

34

*Marcello
Magalhães*

45

Camila Santos

47

Gessica Gomes

50

Rafael Fernando

44

Bruno Rass

46

Fiana Vieira

48

Marcelo Magalhães

51

Vera Silva

mentira amullalidal

minha cidade meu paraíso

Quanto mais gasto, mais economizo

Nas ruas tem grada de poeira

Pode dormir de porta aberta sem barreira

Minha cidade meu paraíso

Podemos nadar em todas as lagoas

Para refrescar os olhos de algarim magdas

Na minha cidade não tem porta aberta

Nas ruas flores na asfalto

Minha cidade meu paraíso

Não jogam lixo na "mata"

Não falta férias nas paradas

As escolas de artes sempre letam

Os alunos recebem passagem

Os putas são pagas xms doragem "Pisomagem"

Mas mesma pagando continuam delendo

ai que paraíso! Nas férias de meu dia?

Os plausboys da beira mar, são presas todo dia

Na cadeia da minha cidade só tem branco

Na fe temos terríveis os índios igreja.

Ninguém dá mal o olho quando saio de mauberta

Minha cidade meu paraíso.

Os metrô nunca letado

Os combas não vão letado

E ghetto contra ghetto é proibido.

negrindia metropolitana



Amfawid

Uma serpente BOA e MÁ

O SEGREDO É SER FELIZ



LEMBRO DE UMA VEZ ESTAR NA CASA DE PRAIA, SENTADA NA JANELA, E ELE ME FALANDO QUE ALGO MUITO GRANDE IA ACONTECER NA MINHA VIDA

Barulho de chuva.
Diga. Gritos. Gera. Tebe
no chão. Crianças. Mães
Vida; Trabalho: fúria.
Emprego. Aluno. Bone.
ler. doer. Jennes. Fé.
vôo cas. Ficas. Único



A infância em Fortaleza



Deus em primeiro lugar

Alguma vez aconteceu!
E se não acontece com eu já sei
o que preciso fazer para fazer
Não vou morrer!

VOCE NÃO É DIFERENTE



Aparecida Silva

PRETAS!

O que aparece quando a mulher preta fala de si: sua raça ou seu gênero?

Apresentada Silva



Eu não sei o que aparece, mas sei o que eu sinto quando eu falo por inteira. Não vou dizer ao certo, pois não quero facilitar os caminhos ou criar atalhos.

Vamos começar com palavras, ok? Uma de cada vez, por favor:

- Vergonha
- Poder
- Medo
- Conexão
- Solidão
- Julgamentos
- Verdades
- Mentiras
- Dores
- Filhos
- Corpo
- Vida
- Sangue
- Morte
- Água
- Outro
- Sucesso
- Responsabilidades
- Axé!

O menino aprendeu cedo
Não existe atalho na vida.

Artur



Arthur Eduardo de Oliveira Morais, 16/12/2020
@arthureduardo1

Cansei
Cansei de ser a louca, a depravada, a intransigente.
Queime
Cansei de concordar com autoflagelamento em prol de uma crença que não escolhi.
Queime
Cansei da polidez doentia, de dogmas do "caminho correto".
Queime
Cansei de usar a desculpa da próxima vida como legitimação da inércia.
Queime
Cansei de mendigar compreensão. A palavra dita parece quente. Corra
Queime
Cansei de pedir permissão para sentir o proibido.
Queime
Cansei de concordar com a culpabilização, calculada individualização, castramento consentido.
Queime
Cansei de negar a expressão, o compartilhamento do sentimento sufocado. Sorria.
Queime
Cansei de fingir "bondade", ande igual, fale igual, reprima igual, irmão!
Queime
Cansei da negação a constituição do plural. O não acolhimento ao ancestral, a prisão do corpo colonizado, a corda no pescoço do "primitivo".
Queime
Cansei, corro para pegar ao mesmo tempo que corro para soltar. Identidade.
Queime
Cansei de ter medo da possibilidade de ser quem sou.
Queime
Cansei de trocar existência por sobrevivência.
Queime
Cansei de implorar perdão por conhecer o que tentaram apagar, palavra tem sentido, tem intensão. Qual a história da tua palavra?
Queime
Cansei de me diminuir para o ego e a "verdade" do dominador
Queime
Cansei de ser o calmo animal domesticado. Grite
Queime
Cansei de está exausta, cansei de não ter aonde ir, cansei de estar e não ser. Cansei de implodir.
Queime
Não esqueça de queimar
Queime
Não esqueça de queimar
Queime
Não esqueça de queimar.
Tá vendo a fumaça?
Agora pode respirar.
Em vinda!

De: Bruna Costa

Bruna



on cest me
neara
Lensei

Louise

la



za

g

24

23

Cansei

Cansei de ser a louca, a depravada, a intransigente.

Queime

Cansei de concordar com autoflagelamento em prol de uma crença que não escolhi.

Queime

Cansei da polidez doentia, de dogmas do "caminho correto".

Queime

Cansei de usar a desculpa da próxima vida como legitimação da inércia.

Queime

Cansei de mendigar compreensão. A palavra dita parece quente. Corra

Queime

Cansei de pedir permissão para sentir o proibido.

Queime

Cansei de concordar com a culpabilização, calculada individualização, castramento consentido.

Queime

Cansei de negar a expressão, o compartilhamento do sentimento sufocado. Sorria.

Queime

Cansei de fingir "bondade", ande igual, fale igual, reprima igual, irmão!

Queime

Cansei da negação a constituição do plural. O não acolhimento ao ancestral, a prisão do corpo colonizado, a corda no pescoço do "primitivo".

Queime

Cansei, corro para pegar ao mesmo tempo que corro para soltar. Identidade.

Queime

Cansei de ter medo da possibilidade de ser quem sou.

Queime

Cansei de trocar existência por sobrevivência.

Queime

Cansei de implorar perdão por conhecer o que tentaram apagar, palavra tem sentido, tem intensão. Qual a história da tua palavra?

Queime

Cansei de me diminuir para o ego e a "verdade" do dominador

Queime

Cansei de ser o calmo animal domesticado. Grite

Queime

Cansei de está exausta, cansei de não ter aonde ir, cansei de estar e não ser. Cansei de implodir.

Queime

Não esqueça de queimar

Queime

Não esqueça de queimar

Queime

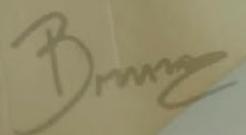
Não esqueça de queimar.

Tá vendo a fumaça?

Agora pode respirar.

Bem vinda!

De: Eruna Costa





Bruno Rass

Minas de Ouro

Bruno Rass

Não basta o racismo institucional no Brasil,
Ainda temos que lê dar com os capatazes de fuzil. Por isso fogo nos racistas,
no estilo Virgulino
No dialeto do meu povo que nunca será instinto.
Só eu sei quantos leões por dia pra matar,
Fazendo mágica, dando a cara a tapa pra ganhar,
Pouco, muito pouco, somos loucos
Mas quem quer essa tal de vitória tem que ir lutar.
Vi que sacar das ideias é melhor que sacar das armas, que só nossas coroas,
sabem o que elas passam, criando os filhos como leões,
nos ensinando a caçar.
Vi que ser espelho, é que é ser cinco estrelas no GTA da vida real
Vi que eles não deixam os meninos estudar, se não eles “passam”
Que ensinar ignorância é uma forma de trapaça Mas cum nós, num tem ideia,
eles num “passa” É na pegada “Black Panter” vocês vão ter que se esforçar.



Fotografia: Fiana Maria, 2018.

Quando criança só queria ser feliz



Adolescente, não sabia



quem era quem era quem era

Tornei-me jovem



sem nunca ter sido aprendiz

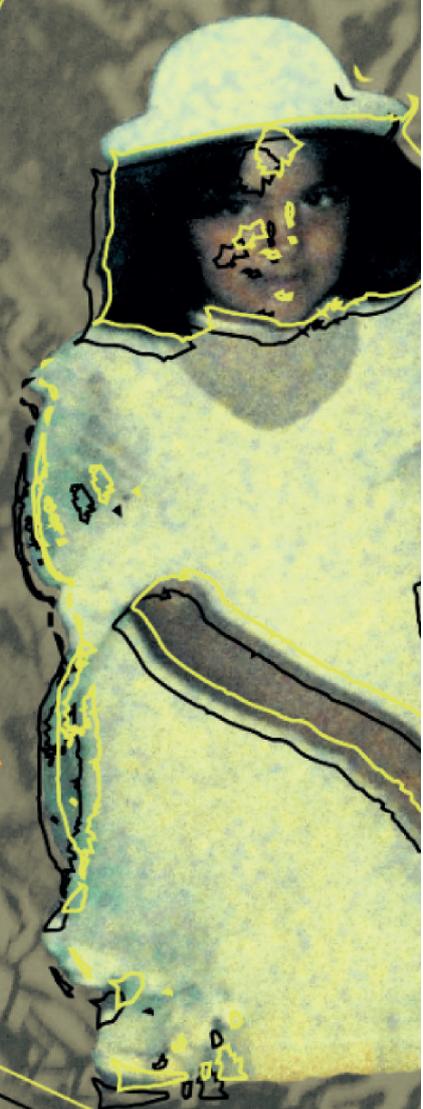


Com uma mente



que mais lembrava uma fera

fera fera fera fera



Agora adulta, tento ser o que não fui

Camila Santino

Esperançosa de que

tudo

prolifera
prolifera
prolifera

E mantendo o pensamento que

a vida

evolui
evolui
evolui

**Havia um poema sobre a Maria
a que não ia com as outras
a que levava a lata na cabeça
a que merecia viver e amar como outra
qualquer no planeta**

**Haviam poemas sobre a Maria
rimavam sobre a vida dela
sobre seus amores, trabalho e família
O que sobrava à Maria?
- Onde estava a Maria que era ela, dela?**

**Alguém ouve Maria?
Alguém sente suas dores?
Alguém sabe de seus prazeres?
Alguém vê além de sua cor?
de seu torpor?
de seu antigo amor?**

**Mas não respira mais, a Maria
Nem abraço, carinho ou melão
Às Marias, nem caixão.**

Levi

União

Unir

Um

Nessa tentativa de se manter vivo
buscando tempo nas horas que restam
Ser livre onde tentam nos prender
tentando viver onde querem nos ver morrer
Ainda não entenderam que se foi o Levi
Foi parte de cada um
Parte de cada memória
Parte da nossa história

Levi não é singular

Nós somos UM

UNIÃO

Preto na cena é Revolução
Preto no corre não é ficção
Para de achar que tá só aqui, irmão

Não entra nessa guerra

Estamos ligados por todos os lados

Não pense que consegue me ferir

Sem que as marcas fiquem também em ti

Então pega a visão

Tamo junto nesse mundão

Cuida pra poder escapar

Juntos as mãos vamos dar

Carla Nayra



Carla Nayra



(Imagem de Carlos Melo)

Ser do mato € Homem do mato

A forma pejorativa que usam para falar de um ser que vive respeitando a natureza, no mesmo fluxo, é no mínimo, retrocesso.

Precisamos nos unir para o sonhado progresso.

Nascer, crescer, viver

Sem que nenhuma fase seja interrompida

Sem que exista essa aterrorizante necropolítica

Cuida na fuga

Carla Nayra

Eu criança negra

Fiama Maria

“- A uma criança negra sonhar não é permitido”,
Histórias que parecem repetidas, mas em tempo, lugares e corpos diferentes.

Me vi, me vejo criança em ontem/hoje sem direito a ser,
Me vi/vejo sem espaço livre pra viver.

Me vi/vejo nos olhos de quem nos tem como “só mais um”,
mas um que nasce sem, mas um que morre e “já vai tarde”,
mas um que “escolheu” ser ninguém, mas um que não soube o que é sonhar.
Me vejo, em histórias não vividas, mas sentidas, em cicatrizes não entendidas ou merecidas,

Afinal existe merecedor? Quem escolheu a quem ferir?

Me vi/vejo criança, onde se fere, se tira, apenas por existir.

Não via o que era diferente, eu me via criança do mesmo jeito, mas sabia o mundo como nos definir menos criança, menos humano, menos, bem menos, a ponto de não ser.

Me vi criança, em meio ao um mundo grande, mas sem caber o que me faltava.

Me vi sem entender o porquê nos faltava tanto e pra outros sobravam sempre.

Me vi/vejo tendo traços “engraçados”, tendo cabelo “domado” assim como os questionamentos,

me vi no espelho diferente ao reflexo bonito na tv,

vi que me faltava o que vendiam como beleza,

me vi nas minhas, a busca, a luta de todo dia, por se enquadrar...cabelo liso, pegar menos sol, afinar o nariz, falar baixo e só quando permitido, ser discreta...

até o ponto de não ser mais além de tentativas de um padrão... até se perder, ser menos preta? Me vi/vejo criança me perguntando, é isso que tentamos ser? sou preta? É sou, afinal, mas ainda...

me vi/vejo sem espaço ao chão de todos que tem dono,

me vi/vejo sem direito a história, sem finais felizes,

me vi/vejo querendo que meu povo viva, ria solto, livre

É, só queria acordar e me vê nas crianças hoje/ontem e amanhã podendo sonhar.



Foto: Renan Benedito

Colagem: Fiama Maria



Desassossego

Fiana Maria

Na garganta seca, com sede de liberdade,
(r)existe o grito preso que anseia por nascer.

Nos pés rachados, buscando pausa,
transpira o sonho de se fazer volta pra casa, descanso.

Nos olhos inchados, brilha a lágrima de sempre,
que reclama dor que atravessa o corpo e alma a milênios, derrama.

No corpo negro, é marca as cicatrizes de ontem, do hoje, persiste.

demora no corpo cansado,

que sem chão de pouso,

anseia a morte como passagem para liberdade, a muito roubada,

para ter enfim casa/asa/lugar, ter a si.



Menino afoito cuidando na fuga
Dos projéteis contra seu corpo
Pras pontes onde o pivete pula
Melhor água do que sangue
O sangue suja
A água é pura
É melhor estar debaixo d' água
Do que ouvir o gatilho quando puxa
Viver é não morrer
É pular da ponte
Rumo ao mar
Traçar rotas
Pra continuar
Construir pontes e não torres
É melhor estar debaixo d' água
Do que fadado ao açoite
Viver é pular da ponte

- G Gomes

Eu gosto de me esconder nos cantos.

Me fazer pequena para que ninguém me veja.

A carne flamejante

em tiras ensanguentadas

de violência preambular.

Introdutória.

Foi exatamente o que aconteceu.

Todas nós sabemos bem a história.

Eu me lembro

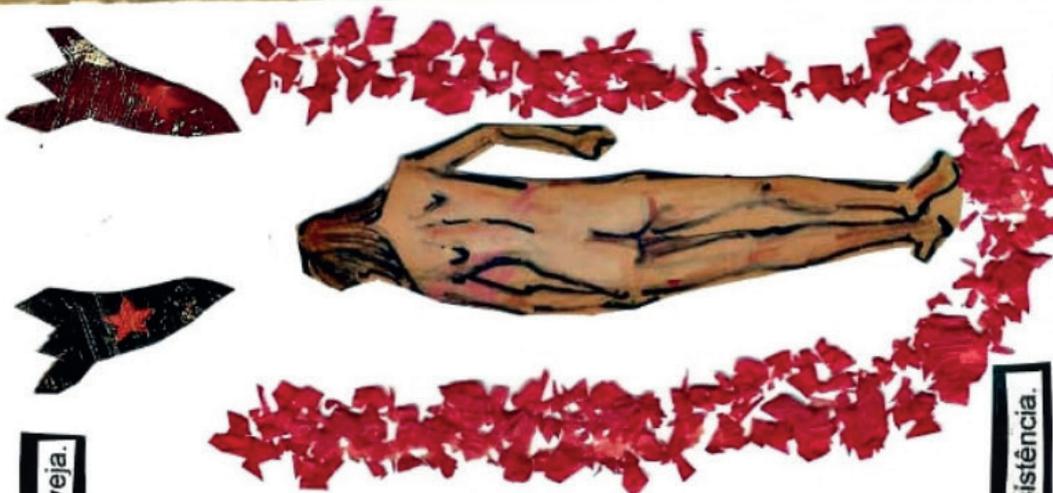
Ansiedade

Violência

Ilusão

Tríplice da resistência.

FÁCIL



ME DO



Eu nunca disse que era saudável.
Você estava prestando atenção?
Expectante
Mas não atenta

Implorando pelo sono profundo, pacífico, ligeiro.
No entanto, a célere necessidade da exportação do ser
me compele a este.

Não me refiro pois, a classificação
desta arenga imprecisa e sonolenta.

Não se faz necessária ao meio.
Era sobre esquecimento.
Só queria não ter mais receio.



Meu coração pulsa aquela velha dor vermelha. E na realidade crua em que me encontro,
já não se faz incandescente aos olhos vidrados que me cercam.
Ninguém me vê.

Os dias passam e me percebo congelada em uma imagem construída cuidadosamente,
com único propósito de iludir. A mentira perfeita que já se conduz sozinha.

As falas escritas, ensaiadas, que já são tão minhas.

Minha voz, seu volume diminuído, diluído ao longo dos anos à um mero sussurro, canta
baixinho palavras escondidas. Sem jamais se fazer ouvida.

Trancada dentro dos muros que levantei sozinha, afogo - me em culpa acumulada de
crimes que nem mesmo cometi. Apenas assisti.

Sem porta de entrada ou saída, quem irá me salvar?

O frio contido no desespero de um fim que sempre se faz presente, porém atrasa e não
termina, congela minha espinha que revesti de ferro, mas que se corrói pela água salgada
de lágrimas esquecidas.

@vitalmajazz



@JESSTABOSA

AFRO CONEXÃO



o que seria da gente sem o passado?

Passado não é só aquele momento antes de ontem, ou ontem que vivemos, passado é a junção de momentos, aonde pessoas lutaram e sobreviveram para nós estarmos aqui.

O que seria da família Cavalcanti sem meu avô ?

Lutou, Sobreviveu e Resistiu, de altos e baixos. Conseguiu trazer na simplicidade o afeto que faltava. Ente salas, interrogações e poder, conseguiu me mostrar o topo, não qualquer altura, era o topo de igualdade, aonde éramos todos iguais... aaaaa se fosse só o topo, até lá ele mostrou buracos, armadilhas e turbilhões de ciladas...desde então, vim caminhando na cartinha de meu avô.

Enquanto aumento de idade, vou diminuindo a memória, será que é possível esquecer meu avô ?

Dechamey Cavalcanti

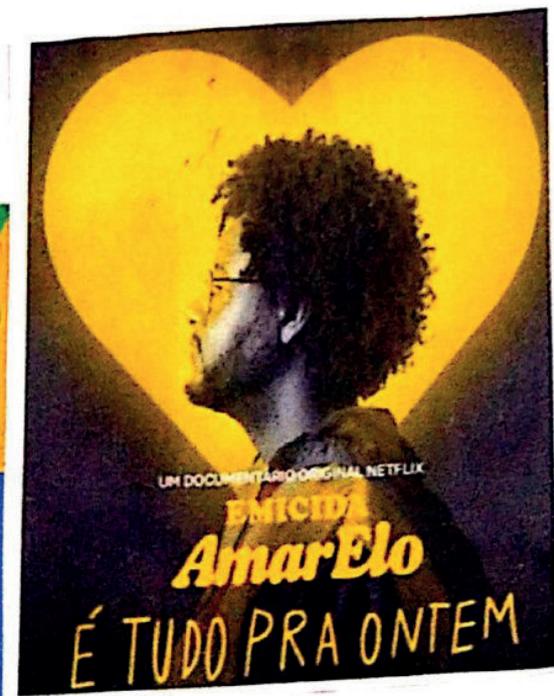
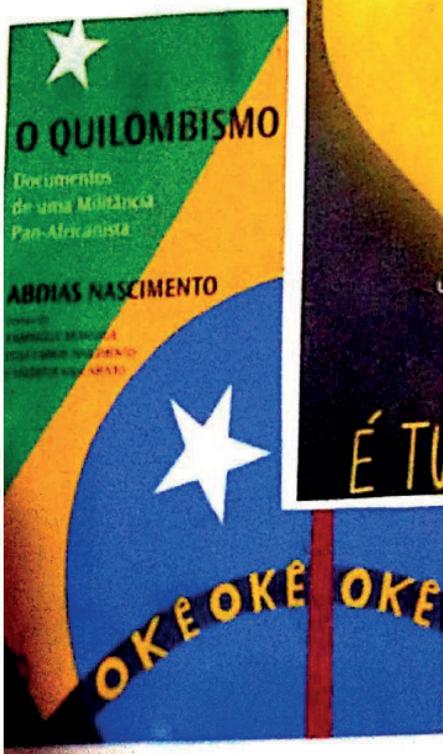
É POSSIVEL SENTIR O PASSADO NAS COISAS?

É possível sentir o passado nas coisas ?

Com passar do tempo, fui me esquecendo, passando rasas lembranças da velha cartilha...talvez até de meu avô tivesse indo, porém será que é possível sentir as pessoas em outras ?

Assistir e Li, sentir um turbilhão de sentimentos e será que sentir meu avô e a velha cartilha ?

Coração Amarelo, sentimento eterno e puro como joias de oxum; é conexão e razão...já o livro, era a pura cartilha, era puro ensinamento, era todo meu passado, meu presente e futuro. Talvez tenha chorado e esperneando para saber se ele tava lá, porém entendi que a vida é passageira...será que vou sentir meu avô novamente ?



Deekaney Arakonti

negros

SÃO

SUCESSO

“ARTE”

Ciência

Literatura

FOTOGRAFIA

PASSARELA

POLÍTICA

ESPORTES

conhecimento

IDÉIAS

OPINIÃO MÚSICA

EDUCAÇÃO

Esperança

Há

E

ALLEGRIA

Periferia não tem cor

A alegria do aperto nas obras sem fim
O entra e sai de vizinhos e crianças correndo
Vira lata latindo, até parece fazenda parece
Tem galinha, porco, pato e as vezes peru
Paneleiro cheio de brilho, forró truando
Feijão no fogo, ranger de rede, menino chorando.

Obra e mais obra, esgoto que desce pela rua
Ônibus lotado e negro no aperto, não tem sossego
Preconceito vem de longe, atravessa cidade e deságua
Negro volta do trampo, mais aperto e falta sossego
Enfim chega em casa, mulher na calçada espera
Jantar na mesa, menino dormindo, amanhã recomeça.

Marcello Camelo

-

Sem tempo pra rima

pra quê preocupar com rima
dá a volta corre pra cima
a perifa muda e não se cala
problemas pulsam e não calam
carroceiro e galego passam

escola, creche, emprego pode crer
saúde, saneamento e até o lazer
pavimento, segurança é ver pra crer
falta tudo pra adulto e pra criança
Só não falta atrevimento e esperança

pretos querem mostrar sua força
e não somente na casa do patrão
chegou a hora, a vez é agora
brilhem pretas sem temer com hora
preconceito e racismo aqui não

é emergencial, pandemia, é urgente
não pode esquecer, preto é gente
em pleno 2020 ainda ter que gritar
respeito e amor pra não ter que rezar
vidas negras importam seja onde for.

Marcello Camelo



Falada pela mídia

Espetáculos em telejornais

Já foi capa de revista

Em que página se encontram essas notícias?

Nas sangrentas e violentas.

Ora, em parte estaria notícias sobre os pobres, pretos e de periferia?

Em sociedade neoliberalista

É preciso se negar, auto criminalizar

Sem cultura

Sem identidade

Sem história

Sem vida...

Bipi, um recado diário para você:

Não pense em insistir, o local de preto e favelado é de casa para trabalho.

Você é burro e imprestável

E antes de encerrar, sintam-se culpabilizados apenas por existir.

E ele acorda de um sonho sonho ou pesadelo?

Maeeee, corre aqui! Tive um sonho muito estranho, onde as pessoas estavam cegas e não enxergavam a beleza do nosso lar.

Viam nossa cultura como um diferencial, o branco era preferencial.

Éramos visto como minoria, implantavam em nossas mentes a não auto aceitação, ódio a nossa cor, ódio aos nossos lares, ódio a nós mesmo, até acreditarmos que não éramos dignos...

Não observavam nossas potências, só viam precariedade e carência.

Seus olhares eram domesticados e apenas um tipo de beleza deveria existir, a embasada em critérios formais.

O que não entendi desse sonho e algo que fico a me questionar é

"porque uns e não outros?"



Florida

Percentual

- Green square: 25-30%
- Yellow square: 31-35%

0 100 200 Miles

B A Z A A R T

Nossos territórios são invadidos
Exploração material e subjetiva
Dominando as emoções, completando a
opressão, impetuosa cisão
Querem nos roubar de nos mesmo,
sequestro-pessoa
Corpos que não pode se expressar, se
reinventam
Uma mulher deixou sua humilde casa
para trabalhar
Uma trabalhadora doméstica, Cleonice
Gonçalves
Mais uma fatalidade, afirma a elite
que a expos ao vírus
Vírus da conduta e projeto racista
Poli-adoecimento
Eis a possibilidade de externar o que
sinto
Pensar na plenitude de existir,
arrancar negações
A luta é uma palavra que precede a
escrita
A revolta fez parte do 20 de novembro
Cada ferida aberta em João Roberto
foi minha também
Violência com uma norma branca contra
corpos negros
Quem decide quem vive e quem morre?
Base da pirâmide que usa a força e sua
arma-Estado
Nas palavras, nas ações, no atentado
à consciência
Vidas ceifadas
Não desistir da vida, de vidas negras

Encontrar onde elas importam é salvar
Que a antiga licença poética
reivindique a vida e a fala
Seja uma possibilidade de novamente
(re)existir
Como desistir da luta quando o
vice-presidente nega o racismo usando
o próprio
racismo
Os gritos de mudança vêm da periferia
450 jovens exterminados no Pará
Reduzidos a marginais, silenciados
pela permissão de matar numa
necro-estrutura
As linhas finais são um sonho
(possibilidade)
Onde crianças como Emily e Rebeca não
serão mais assassinadas pela ordem do
massacre policial
Recriar um lugar onde "ação" seja uma
forma de lutar contra o racismo e a
violência
Onde sejamos livres para existir
Possa pertencer, amar.

ESCRITA-VIDA



"Negro não pode
andar de moto?"

Renata é mãe de Edson. Ele e Jhordan foram encontrados mortos após serem baleados por PMs sem qualquer motivo aparente

Negros relatam como o racismo afetou ao longo da vida: 'Doía na alma'

Passar grande parte da vida sendo pressionado por ditadura do cabelo, roupas e costumes, fez com que tentassem se enquadrar dentro de um padrão branco. É assim que negros ouvidos pelo G1 relatam como o racismo afetou suas vidas e fez com que se

Pesquisa Ibope, de 2017, apontou que apenas 10% dos brasileiros se consideram racistas. Mas entre os não racistas autodeclarados, há quem reconheça que já fez comentários, piadas e tenha tido várias atitudes racistas.

A antropóloga Ana D'Arc, professora doutora da Unama, afirma: "Superar o racismo estrutural por meio de políticas públicas, de ressignificação do currículo escolar, considerando materiais didáticos mais conscientes. A mídia também precisa disparar em seus canais de comunicação mais informações que levam a consciência crítica", explica.

VERBO!

Stena Schreier



0

E

THE IMPAR

Poema / Rima

Bruno Rass

Não basta o racismo institucional no brasil
Ainda temos que le dar com os capatazes de fuzil
Por isso fogo nos racista no estilo virgulino
No dialeto do meu povo que nunca será instinto

Só eu sei quantos leões por dia pra matar
Fazendo magica, dando a cara a tapa pra ganhar
Pouco muito pouco, somos loucos
Mas quem quer essa tal de vitória tem que ir luar

Vi que saca das ideias e melhor que saca das armas
Que só nossas coroa sabe o que elas passa
Criando os filhos como leoas nos ensinando
Vi que ser espelho é que é ser cinco estrelas no GTA da vida real

Vi que eles não deixam os meninos estudar, se não eles “passa”
Que ensinar ignorância e uma forma de trapaça
Mas cum nós, num tem ideia, eles num “passa”
É na pegada “black panter” vocês vão ter que se esforçar.

Poema autoral

Camila Santos

Pediram um poema autoral
Mas de quem seria a autoria
Se não sei nem quem eu sou?
Ou de onde vim
Como ser autoral em uma vida sem autoria?

A última ascendência para em Alagoas
Foi de lá que eu vim?
Antes disso nada profundo?

Quem foram os meus?
Qual a minha terra?
Quais sobrenomes cabem na minha árvore?
Qual cultura cabe em mim?
De quem foi o sangue derramado?

A pesquisa não continuou
Por quê deveria eu....
Por que deveria eu você tão cansada?
Exaurir minha alma
Em algo que pode não ter fim...

Fico sem autoria
O poema eu fiz
Fico sem resposta do antes
Sabendo que um dia eu quis
Segui até onde a cabeça
Podia ir sem deixar de ser feliz.

Desassossego

Fiama Vieira

Na garganta seca, com sede de liberdade,
(r)exite o grito preso que anseia por nascer.
Nos pés rachados, buscando pausa,
transpira o sonho de se fazer volta pra casa, descanso.
Nos olhos inchados, brilha a lágrima de sempre,
que reclama dor que atravessa o corpo e alma a milênios, derrama.
No corpo negro, é marca as cicatrizes de ontem, do hoje, persiste.
demora no corpo cansado,
que sem chão de pouso,
anseia a morte como passagem para liberdade, a muito roubada,
para ter enfim casa/asa/lugar, ter a si.

Moldes coloniais

Gessica Gomes

me despir das vestes nunca foi fácil
quando me já foi tirada a inocência
em silêncio sutilmente violada
esperei a cura com o tempo
e me entreguei aos amores como antídoto
o efeito se transformou em dor
me despir das vestes nunca foi fácil
quando o meu corpo era abominado
hipossexualizado
rechaçado em meio à canalhices
criadas pela minha própria concepção de beleza
me despir das vestes nunca foi fácil
quando o meu corpo é
admirado
hiperssexualizado
penetrado de forma invisível por olhos e gestos
sujo por gozo inconveniente provindo da condição em privilégio

Sol de todas as cores

discriminação não tem perdão
é marca secular que não se paga
é dor, sofrimento que não se apaga
é o olhar torto que não finge

tem alvo, destino e cor
é preto, periférico está lá
corre, pega que ainda dá
prenda antes que cause mais dor

ainda bem que são outros tempos
mas o sofrimento ainda não acabou
na tevê é todo santo dia
reina sol independente de cor.



MCM

Escrita-Vidas

Rafael Fernando

Nossos territórios são invadidos
Exploração material e subjetiva
Dominando as emoções, completando a opressão, impetuosa cisão
Querem nos roubar de nos mesmo, sequestro-pessoa
Corpos que não pode se expressar, se reinventam
Uma mulher deixou sua humilde casa para trabalhar
Uma trabalhadora doméstica, Cleonice Gonçalves
Mais uma fatalidade, afirma a elite que a expos ao vírus
Vírus da conduta e projeto racista
Poli-adoecimento
Eis a possibilidade de externar o que sinto
Pensar na plenitude de existir, arrancar negações
A luta é uma palavra que precede a escrita
A revolta fez parte do 20 de novembro
Cada ferida aberta em João Roberto foi minha também
Violência com uma norma branca contra corpos negros
Quem decide quem vive e quem morre?
Base da pirâmide que usa a força e sua arma-Estado
Nas palavras, nas ações, no atentado à consciência
Vidas ceifadas
Não desistir da vida, de vidas negras
Encontrar onde elas importam é salvar
Que a antiga licença poética reivindique a vida e a fala
Seja uma possibilidade de novamente (re)existir
Como desistir da luta quando o vice-presidente nega o racismo usando o próprio racismo
Os gritos de mudança vêm da periferia.
450 jovens exterminados no Pará
Reduzidos a marginais, silenciados pela permissão de matar numa necro-estrutura
As linhas finais são um sonho (possibilidade)
Onde crianças como Emily e Rebeca não serão mais assassinadas pela ordem do massacre policial
Recriar um lugar onde “ação” seja uma forma de lutar contra o racismo e a violência
Onde sejamos livres para existir
Possa pertencer, amar.

Poema
Vera Silva

meu corpo
território
em chamas
clama pelo corpo teu
olho boca saliva pele
Tu...eu
língua entre dentes
respiração quente
minha área de risco
se arrisca na tua zona de colisão
membro vulva tesão
entre sussurros e gritos
nossas vozes ecoam
nossos corpos se debatem
em prazer
gozo
revolução

